

ILIJA TROJANOW

Degelo

Um romance

Tradução

Kristina Michahelles



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Carl Hanser Verlag München

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Eistau

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Ignacio Aronovich

Preparação

Mariana Delfini

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trojanow, Ilija.

Degelo: um romance / Ilija Trojanow; tradução Kristina Michahelles. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: Eistau.

ISBN 978-85-359-2305-6

1. Ficção búlgara I. Título.

13-06367

CDD-833.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura búlgara

833.92

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

I. S 54°49'1" W 68°19'5"

Não há pior pesadelo do que ser incapaz de voltar para o estado de vigília.

Reencontramo-nos, como sempre na véspera de o navio zarpar, numa espelunca em Ushuaia, ladeira acima, longe das ruas mais movimentadas, chegamos bem naquele instante do dia em que uma última nesga de luz se dissipa no céu mais profundo. Espremidos numa daquelas mesas de madeira compridas, sentimos certa solenidade entre nós depois de meio ano de separação, somos servidos por um velho que não parece malandro, mas que um dia, ao se despedir, confidenciou-me que já acha bom quando não sente vontade de fincar a faca na própria mão. O velho não tem muito a oferecer, mas serve bebida em troca de algumas poucas moedas, para mim basta ficar assim, sentado com o copo na mão, cercado pelo largo sorriso de boas-vindas dos filipinos que formam a massa trabalhadora da tripulação. Diligentes e perseverantes, eles avançam, e a cada dia a

bordo se aproximam mais de uma vida caseira, da sombra protetora da grande família, revelando uma leveza surpreendente durante a jornada de trabalho. Para mim, eles serão um eterno enigma. Ushuaia não consegue alterar seu humor, as reminiscências latejantes, o eco dos massacres, eles nem percebem essa frequência, isso faz parte da herança europeia, são cicatrizes do homem branco. Vagam por ali como por qualquer outro lugar profanado da nossa expedição (que palavra mais pretensiosa da liturgia dos folhetos de propaganda), parece que nem tocam o chão nas poucas vezes em que realmente tocam o chão. Isso nos divide, não temos um passado em comum: o que me paralisa parece enchê-los de vida. Afora isso, parecem ser fáceis de lidar, como anunciou à exaustão o administrador do hotel a bordo (querendo dizer, com isso: mais fácil que os renitentes chineses), como se ele próprio os tivesse domado, tão trabalhadores tão pacientes tão mansos. Esse jeito submisso me incomodaria se não fosse por Paulina, que nesse exato momento deve estar ocupada em conferir um toque pessoal à nossa cabine com uma flor artificial e inúmeras fotografias, todo o zoológico dos parentes, as avós na primeira fila, sentadas em cadeiras carregadas para o jardim, o trançado de vime quebrado em vários lugares, na fileira de trás, em pé, as filhas e os filhos, todos leais, com exceção de um, que foi embora secretamente, dizem que está picando legumes em algum restaurante de Nova York. Eu brindo com os conterrâneos de Paulina, mecânicos, cozinheiros, pilotos de barco e o gerente do restaurante, Ricardo, tão insignificante quanto uma mala lacrada, mas atenção: seu poder se revelará durante a viagem, cada passageiro irá conhecê-lo e valorizá-lo (*Howzit Mr. Iceberger*, ele vira o polegar para cima, sempre preocupado em, profílicamente, afastar qualquer possível mal-entendido). É hilário ver milionários do hemisfério Norte fazendo fila diante de sua mesa, curvando-se e deixando envelopes para agradecer a

tão ansiada mesa a estibordo, com vista para os blocos de gelo flutuantes e as focas-leopardos. Pessoas ricas, e isso eu passei a entender ao longo dos últimos anos em alto-mar, estão dispostas a pagar somas consideráveis para obter pequenos privilégios, é o que as diferencia da grande massa, é o que alimenta a confiança de Ricardo e financia a ampliação de sua aposentadoria em Romblon. Ele tem por focas-leopardos, focas e pinguins o mesmo desinteresse que por geleiras ou icebergs. Não perde nada de vista, *what a view, fantastic, fantastic, take your seats*, sorriso largo, exibindo seus dentes, usaria do mesmo jeito esse monte de *fantastics* se houvesse pessoas dispostas a pagar por uma tribuna em um depósito de lixo — o que move nosso gerente de restaurante são as vendas. Sempre que estamos todos reunidos, ele flerta com a loura das baleias à sua esquerda, polindo tanto suas piadinhas recorrentes quanto as unhas, *one of these days* vou ouvir a sua palestra, sério, quero entender as baleias desde que as vi, lá do restaurante, espirrando água para o alto, sim, são belas, mas eu queria saber por que a *beautiful* Beate ama mais as baleias do que os homens, ele pergunta a ela, e jura que em sua próxima palestra estará sentado na primeira fila para escutar e anotar cada uma de suas palavras, isso é o que ele promete naquela nossa mesa comprida de madeira cheia de rabiscos descomprometidos, *this time*, juro por Deus, a mulher das baleias lhe dá um beliscão no braço, ela fala inglês com sotaque alemão, alemão com entonação espanhola e espanhol com coloração chilena. E mais uma vez ele sairá sem sua lição sobre a vida dos cetáceos. Certo é que, ao final da viagem, Ricardo andarà de um lado para o outro empunhando um chapéu de chef, recolhendo gorjetas para os homens da cozinha, enquanto esses formam uma fila na frente do bufê para apresentar uma canção na língua tagalo, dos filipinos. Parece o hino ao servidor desconhecido e é freneticamente aplaudido toda vez que o apresentam.

À mesa também estão reunidos os especialistas que ministram palestras no navio *Ms Hansen*, conferencistas de férias, em outras palavras, como eu fiz durante três anos até ontem, pois, logo depois da minha chegada, o comandante mandou me chamar para confidenciar que, de uma hora para a outra, o coordenador da expedição tivera de ser internado em Buenos Aires, a suspeita era de gripe suína, ele não poderia de forma alguma estar conosco nessa primeira etapa, na melhor hipótese ele estaria de volta a partir do canal de Beagle, até ali era preciso encontrar um substituto, disse que confiava na minha competência, que eu conhecia bem o assunto, que era engajado com a causa, que tinha uma boa experiência de vida (ainda que de vez em quando exagerada, como traiu o seu olhar), além de experiência de bordo. Eu não quis concordar nem discordar e, portanto, recebi a pasta com as instruções. A partir de agora, vou passar muito tempo com equipamento de rádio e sistema de alto-falantes, para informar aos passageiros a meteorologia, o trajeto, o próximo destino. Cada um de nós, conferencistas, possui conhecimentos altamente especializados em oceanografia, biologia, climatologia ou geologia, cada um de nós sabe contar casos divertidos e instrutivos de bichos nuvens rochas, cada um de nós é um refugiado de um jeito muito peculiar, *somos cidadãos de lugar nenhum*, quem cunhou essa expressão foi El Albatrós, nosso ornitólogo uruguaio. *Mr. Iceberger*, ele acena para mim com a cabeça, mais um que me chama assim, alguns jamais usaram o meu nome de batismo, Zeno, outros nem sabem como pronunciá-lo, se é *Zen-oo* ou *Ze-no* ou *Seij-no* (na boca de Jeremy, nosso jovem californiano inexperiente, que quase poderia ser meu neto). São detalhes aos quais eu não dou importância; às vezes, sou assaltado pela suspeita de que os colegas usam esse apelido para disfarçar a convicção de que eu sou uma pessoa estranha. Bastante curioso quando, entre pessoas entusiasmadas, você é tido como entusiasmado demais.

Durante o dia, Beate levava um grupo de passageiros ao Parque Nacional, onde as trilhas correm paralelas às baías, onde a luz do sol incide lateralmente, pousando nas folhas como borboletas, onde cada um de nós já fez a caminhada leve pela selva da Patagônia, mas neste ano inauguraram uma trilha nova e Beate, muito responsável, não quer passar pelo constrangimento de saber menos do que qualquer um dos turistas, mesmo em se tratando de uma pequena trilha que leva a outra baía. Por isso, conta ela agora em detalhes, pegou um dos ônibus numerados de um a cinco, passando pelo campo de golfe mais austral do mundo, saiu pelo fim da rodovia Pan-americana até um grande estacionamento, do tamanho de dois campos de futebol, em que *aliens* aterrissam na natureza e do qual uma pequena escada de madeira envernizada leva até a trilha. Quantas baleias você viu?, pergunta Ricardo, brincando. Uma, responde Beate. Uma baleia, como é possível? Um ermitão? Um animal jovem? Uma baleia encalhada, responde Beate, um animal de pedra, está em terra firme e começa a ser coberta por musgo, as crianças podem subir nela. Ela para. Ela fica lá como um *memento mori*. Beate faz uma pausa mais longa. A baleia é tão maciça, parece que vai durar uma eternidade. Na nova trilha, a cada duzentos metros há uma lixeira e um banco. Lixeira banco lixeira banco, foi assim que cruzamos a selva. Nosso guia, diz Beate, era um idiota de botas, um *porteño* que quer passar o verão no clima mais fresco do sul, tentando compensar com o falsete o que não sabe explicar, refere-se aos nativos como animais selvagens, nem sabia os seus nomes, referia-se a eles como “comedores de grama”, fazia piadas idiotas, sabemos tão pouco sobre eles, disse ele, eram tão retraídos, mal viam um ser humano, já encolhiam o rabo, quando alguém se aproximava, saíam correndo como porcos-espinhos ou se escondiam na terra como gambás. Eu não me contive e lhe ensinei na frente dos passageiros que o povo natu-

ral daquelas matas se chamava *Yahgan*. *Yah-gan*, ele repetiu a palavra como se precisasse descascá-la, o nome combina com um povo indígena, tem um som exótico, como uma rara espécie de aranhas. Eu mencionei as botas dele? Elas deixavam sulcos fundos, um nome ficava marcado na terra úmida a cada passo, suponho que era o nome do fabricante. Alguém de vocês sabe me explicar como se chegou a esse estranho nome, “povo primitivo”? Beate emudece e, de repente, todos silenciam, como que obedecendo a um sinal secreto. Nem todos ouviram a pergunta, mas a resposta se espalhará pela mesa inteira. Porque nós acabamos com eles, digo em voz alta. Porque destruímos tudo o que é da natureza. Reverenciamos os povos destruídos, expomos suas máscaras e seus retratos em sépia e nos dedicamos àqueles que exterminamos.

Um suspiro se dissemina entre os conferencistas, *here he goes again*, eles esperam um dos meus surtos, já tiveram de aguentar várias vezes as minhas avalanches de fúria, sabem por experiência própria que, uma vez que Mr. Iceberger começa com suas afirmações categóricas, tudo termina de forma apocalíptica. É nossa primeira noite juntos, mordo minha língua e emudeço, enquanto à minha volta outras conversas começam a pipocar.

Sou o único a ficar com o velho, que passou a noite inteira servindo, mudo. Tornou-se um hábito, desde a primeiríssima vez em que o procurei. Daquela vez, eu esquecera minha câmera num dos bancos de madeira de sua espelunca e precisei voltar correndo, atravessando o frio e o vento duro, congelei, o velho estava sozinho, arrumando, serviu uma bebida para me aquecer e uma conversa, inicialmente nossa estranheza aumentou, mas frase depois de frase, copinho depois de copinho, desarmamos até nossas feridas ficarem expostas. Depois daquilo, não nos largamos mais. Calmo, ele limpava as mesas de madeira com movimentos circulares, as veias das mãos saltadas como fendas

de gelo, a pele coberta de manchas marrons em muitos lugares. Com uma ira irreconciliável, insulta seu destino por ter nascido, crescido e envelhecido nessa Ushuaia, que desde tempos imemoriais sempre foi um lugar provisório, em que toda loja se chama *Finisterre* e todo avental ostenta pinguins, nesse fim de mundo que não tem pena de ninguém, nem daqueles que vagavam descalços sobre espinhos até serem assassinados pelos aventureiros e degredados, nem dos exilados com suas pesadas correntes, cuja ânsia de fugir cortava fundo a carne, nem de seus filhos e netos que rastejam diante dos turistas como se quisessem juntar os pedaços de lama secos sob suas solas, como se ainda existisse ouro em pó no solo da Terra do Fogo. Um lugar se torna melhor quando as pessoas se mudam para ele por livre e espontânea vontade? Turfa encharcada com sangue aquece quando é queimada no fogão em casa? O velho some por um instante, retorna com dois copinhos abaulados. O líquido dentro deles tem cheiro de baunilha e arde na garganta. O velho se mexe sem parar, do balcão até as mesas, de uma mesa para outra, como se ainda fosse necessário amarrar alguma coisa. Sigo-o até a janela. Na chuva fina, os escassos lampiões na rua se tornam borrões longilíneos. Nós nos rendemos ao burburinho longínquo. De repente, ele recomeça a falar.

— Quando era menino, eu ficava agachado na frente da nossa casa durante a tarde, essa casa aqui era o nosso barraco, olhando para a cidade. Quando as nuvens estavam baixas, parecia que a rua ia sumir junto com a neblina. Eu descia correndo pela rua, cheio de esperança; mas toda vez que chegava, encontrava apenas a sujeira do porto.

Sentamo-nos, pela primeira vez. Até ali, nossas conversas haviam acontecido entre a mesa e a porta. Agora, ele me serve mais uma dose, como se ainda tivéssemos muito estoque na despensa. Suas falas são pontos entre longas frases de silêncio:

— Aqui, quem se mantém ereto durante a vida, acaba punido com um tiro no pescoço.

— Lembrávamos o meu avô assassinado com um silêncio temeroso.

— Minha mãe falava para tomar cuidado com os de uniforme, assim como outras mães alertam seus filhos contra cães bravos.

De repente, ele se vira para mim e fala olhando direto nos meus olhos.

— Você está indo de novo, permitindo que tudo aconteça. Está profanando o seu próprio santuário.

Esfrega o rosto, a barba.

— Tenho te observado. Você não passa de um monte de palavras vazias. A sua indignação é um peido. Você solta o ar, provoca um pouco de fedor, mas de resto é igual aos outros, pior ainda, você sabe das coisas e doura o seu conhecimento.

Eu não digo nada, o que o enfurece ainda mais.

— Quem aceita o que pode ser evitado é um canalha.

Quase aos berros. Em seguida, aponta para a porta pesada.

É como se eu estivesse entranhado numa moreia. Um pesadelo que perpassa todas as minhas noites.

Amanhã, os passageiros subirão a bordo. Dia 1 – Embarque. Um dia como outro qualquer. Ainda não zarpamos. A expectativa da partida me deixa ansioso, não sou marinheiro profissional, ao contrário, antes de ser mandado embora, o meu habitat eram as montanhas. Vi o mar pela primeira vez no final de uma geleira, a ponta de sua língua praticamente lambia a praia, o riacho da geleira me precedendo, tinha vinte e poucos anos e era confiante, tão confiante que me perdi propositalmente na selva entre a praia e a geleira. Hoje, a língua fantasma da geleira derreti-

da zomba de mim, sinto-me impotente contra os súditos do pesadelo. Paulina já dorme, costuma adormecer rápido, ainda mais depois que fizemos amor. Partiremos amanhã. Será uma longa viagem. Meu quarto ano. Está escrito.

Nós nos consolamos com frases humilhantes como essa. Nada está escrito, tudo vai sendo escrito. Por cada um de nós. Assim como cada um de nós contribui um pouco para todas as ruínas envenenadas do mundo. É o motivo desse caderno de anotações, é o motivo da minha decisão de registrar o que aconteceu, o que está por acontecer. Eu me torno porta-voz da própria consciência. Alguma coisa precisa acontecer. Está mais do que na hora.

1.

São medidas perfeitas, ninguém quer saber, pode esquecer, aproveitem enquanto durarem os estoques. *Sir*, sinal de alarme na frequência 406 MHz. Coragem, modelos absolutamente delirantes, uma raríssima oportunidade, treze meses de sol, bem-vindos ao paraíso, chuva todos os dias. Transmissores de localização para emergência? Sim, senhor. Que navio? Impossível identificar, senhor. Os afrescos estão sendo retocados desde a semana passada, a capela ficará fechada durante todo o período do verão, lamento que tenha feito essa longa viagem em vão, não podemos nos deixar pressionar, uma pergunta para o seu convidado, Arca e raça, não é verdade, basta trocar as letras, o que isso significa? Alguma coisa sempre haverá de ficar, algo sempre permanece. Tenho a indicação de uma posição, senhor: S 43°22' W 64°33'. Todos os corvos, estou farto, sob o céu, a sensação de temperatura era mais alta, são negros, que medidas perfeitas, é bem mais fácil navegar sem vento, você devia pôr mais manteiga no peixe, assunto encerrado. Algo está errado, senhor, perdemos o contato por

rádio com o *Hansen*. Cadê o oficial do rádio? Não responde, senhor. Minha vez agora, larga isso, esse sutiã é meu, prende a respiração, Charly, um, dois, que roupa mais complicada, quando precisamos dela, ela emperra, dias melhores virão. Radar? O navio se move rumo nor-noroeste. Todas as frequências foram checadas? Sim, senhor. Continue tentando, vou contatar a capitania dos portos argentina. Só uma dúvida, se eu entendi tudo corretamente, vamos todos para o céu ou para o inferno, o certo é que vamos para algum lugar, portanto, somos todos imortais? Prefectura Naval Argentina? Sí... sí... A última posição informada foi S 54°49' W 68°19', depois perdemos todo contato com o *Hansen*. Eles vão conseguir o melhor desempenho, ninguém duvida disso, não leva tão a sério, basta respirar fundo, que medidas fantásticas, fazemos o que podemos, podemos fazer alguma coisa, BREAKING NEWS: NOVA AVARIA NA ANTÁRTIDA? BREAKING NEWS: NOVA AVARIA NA ANTÁRTIDA? e mesmo assim

II. S 55°05'0" W 66°39'5"

Antes de partir, todos os passageiros precisam provar que são saudáveis (não precisam ser supersaudáveis, mas suficientemente saudáveis), eles sobem ou descem degraus, quem tem alguma limitação física usa o elevador, no deque 4 perfila-se diante do médico brasileiro, metido num uniforme impecável, a cabeleira perfeita, ele passa cada minuto livre na sala de ginástica apertada como um caixão, com *heavy metal* de São Paulo nos ouvidos, sem despregar o olho da saída de emergência. Nunca conversei com ele. Orgulhosos, os passageiros que foram declarados saudáveis ostentam seus atestados médicos como se fossem entradas para a ópera, eles se conhecem, conversam, já viajaram para aqui e acolá, concordam com tudo, mas o calor, mas os rebeldes, por outro lado, há tantos lugares para visitar, difícil escolher o destino, mas primeiro será preciso passar por esta aventura. Por motivos bastante óbvios, todos estão saudáveis, mesmo quando estão a poucas batidas cardíacas do infarto.

Levantamos âncora com a última luz do dia. Ninguém acena, nem no cais, nem no deque. Uma despedida casual. Em Ushuaia, quase ninguém fica para trás, ninguém de quem sentiremos falta. Gosto de ficar no deque superior refletindo sobre as silhuetas que passam. Tenho horror à hora do pôr do sol, ele costuma reduzir a diversidade a apenas um único efeito. Ninguém conversa comigo, os passageiros ainda não me conhecem, a apresentação dos conferencistas e do coordenador da expedição só acontecerá amanhã depois do café da manhã. Partimos sem fanfarras, passamos a leste pelo canal de Beagle com uma velocidade de aproximadamente setenta nós, depois de algumas temporadas a bordo já posso estimar isso com grande precisão. Vejam, grita um passageiro, aquele rochedo, parece que a montanha tem uma barriga de tanquinho. Os risos do grupo tamborilam na penumbra. Tudo sempre se repete, a miniaturização da natureza nas filmadoras ligadas. Eu me retiro para bombordo. Espere, não fuja! O pianista vem direto em minha direção, arrastando um rosto que se destaca da escuridão, um rosto cheio de cicatrizes sob fileiras coloridas de luzes. Permita-me apresentar, Mrs. Morgenthau, este é o nosso novo coordenador da expedição, um cavalheiro nato (o pianista é britânico), certamente poderá responder sua pergunta a contento, o coordenador sabe responder qualquer pergunta a contento (o pianista tem fama de ser espirituoso, *great wit*).

— Muito gentil da sua parte, eu estava me perguntando: essa montanha que se eleva de forma tão dramática, essa montanha certamente tem um nome?

— Monte Misery — respondo-lhe com precisão geográfica, e a americana olha para mim como se quisesse provar que estou mentindo. O pianista faz um esgar de riso, seu senso de piada emergiu.

— Não se intimide, pode perguntar o que quiser, e quando quiser, ao nosso coordenador durante a viagem. Eu sou responsável pelo entretenimento musical à noite, de resto fico tocando, a senhora ouvirá.

— As pessoas que viviam aqui — prossigo — eram nômades da água, tinham muitos nomes para montanhas, rios e florestas, dispõem de um rico vocabulário para nomear aquilo que as rodeava sem se apoderar da natureza. Esse estreito aqui, por exemplo, era chamado de “água que perpassa o crepúsculo”.

— E essa ilha por que vamos passar daqui a pouco, você sabe qual é, ela tem um nome bem estranho, não?

O pianista pergunta, mas já conhece a resposta, apesar de aparentar estar confuso. Vou entrar no jogo e responder.

— Chama-se ilha Fury.

Mais um olhar desconfiado.

— Isso mesmo, ilha Fury, eu havia esquecido esse nome. Venha, senhora, não importunemos mais nosso novo coordenador, aliás, preciso lhe informar, antes que a senhora venha a saber através de fontes duvidosas, que nosso navio vai passar pela baía Last Hope, espero que só quando estivermos mergulhados no sono mais profundo.

A risada do pianista se dissipa como vapores de gases de combustão.

Neste primeiro dia, o plantão de Paulina termina antes da meia-noite. Os passageiros ainda não tiveram tempo de se conhecer, os bêbados contumazes e os frequentadores de bote-

quim saíram cedo do bistrô e do bar, Paulina pressiona todos a fazerem seus últimos pedidos, ajuda um americano idoso a ir para a cama, está ansiosa para chegar à nossa cabine mais espaçosa (como convém ao cargo do coordenador da expedição), até agora não tivemos chance de comemorar nosso reencontro. Eu fui promovido ao deque 6, onde fica a elite do navio, ao lado do primeiro-oficial e do oficial de navegação, perto da ponte de comando, e quando pisei no corredor, há alguns minutos, dei inesperadamente de cara com o comandante, o seu escritório refúgio fica algumas portas adiante, do outro lado do corredor. *The captain* está a um passo de distância, digo para Paulina. Ela ri, cuidado com ele, não ofenda, sempre conseguimos rir juntos, isso sempre me surpreende, antes eu tinha fama de ser mal-humorado, e com razão: achava as piadas dos outros uma chatice, escutava-os dando sorrisinhos, mas nunca ria, minha antiga mulher passava muitas noites gargalhando em voz alta e irritante, a mim nada nunca parecia hilário. Com Paulina é diferente, ela consegue me fazer rir, despir-me como se a nudez fosse um sinônimo do bom humor. A libido de Paulina é vizinha do riso.

Depois de tanto tempo longe, a redescoberta sucede à conquista, no meio disso, ela está ao meu lado, os pés cruzados, suas vergonhas abauladas, conversando amenidades, o ruído mais tranquilizador que eu conheço, fico escutando o som gorgolejante, acontece tanta coisa durante os meses em que ficamos separados, uma cascata de acontecimentos, as consequências da erupção do vulcão Mayon, o lábio leporino operado do filho da vizinha, o massacre de algumas dúzias de jornalistas na ilha vizinha, o velho pescador cuja mão direita explodiu, a mãe que ficou cega, o irmão que ficou idiota, a infertilidade da irmã, o padre flagrado na sacristia depois da missa com a batina jogada nas costas de uma viúva receptiva, e o resto da história se afoga em risos. Mas o que eu deveria lhe contar? Falar das visitas sema-

nais ao meu pai, que briga com qualquer pessoa que se esforça para ajudá-lo, enfermeiro, médico, cozinheiro, todos os que conheceu no asilo (amigos não tem mais, desde o fim da última guerra) e até o motorista de táxi que o leva uma vez por semana ao cemitério para que ele possa se certificar de seu lugar ao lado da minha falecida mãe, o *pedacinho de terra* que espera ser seu. Depois que me separei do meu instituto e a minha mulher se separou de mim, chamei-o para vir morar comigo, no quarto vazio de Helene; muitas vezes ele me acordava às três da madrugada falando alto, uma vela na mão, arrastando seus chinelos pelo corredor, berrando com a sombra da sua mão trêmula na parede. Eu também sou um herege! Demorava até ele se acalmar, às vezes caminhava até o dia raiar, e jamais me contou contra que acusação se defendia. A vida inteira, papai foi tido como cabeça-dura, rebelde, arruaceiro. Era uma fama cômoda. Ele batia na mesa sem jamais tirá-la do lugar. Ladrava sem morder. Agora que sua energia está se esvaindo, suas reclamações estão definhando, feito uma tosse seca. Devo chatear Paulina com o fato de que meu pai perdeu o momento certo de morrer? Prefiro me refugiar nas histórias dela, que são bem menos miseráveis do que as minhas.

Todos os anos, Paulina e eu dividimos uma cabine durante alguns meses, convivendo no navio, depois vem uma separação de mais de meio ano, quando nos perdemos de vista, e eu não me importaria se durante esse tempo ela tivesse um caso com o vendedor de coca-cola de Legazpi City (ele gruda nela o tempo todo, mas só lhe oferece o status de amante). Sinto-me com Paulina como o velho Amundsen com o sol: adoro revê-la sem sentir dolorosamente a sua falta. Tentamos encurtar essa distância. Ela veio me visitar, depois da primeira temporada na neve eterna, não foi bom, um vizinho me deu os parabéns pela “conquista”, outro perguntou se ela também poderia fazer faxina na sua casa.

Paulina nunca conseguiu entender por que não tenho carro apesar de ter dinheiro para comprar um, uma falha que, ao longo de um abril chuvoso, se tornou bastante sensível, só conseguia suportar minha pátria no alto da montanha Zugspitze (peguei o bondinho pela primeira vez, não consegui nem mesmo convencer Paulina a descer a pé), passamos as noites nos estranhando, estávamos mutuamente esgotados, nosso desejo acabou mais rápido do que o tempo. Tampouco foi harmoniosa minha estadia como convidado na ilha de Luzon. Da noite para o dia, Paulina se tornou uma mera pecinha na engrenagem. Deixou de ser Paulina e se tornou a filha mais velha, a irmã próspera, e eu, um souvenir que se traz do exterior e se deixa em um lugar bem visível em casa, até um belo dia perder a novidade, ficar parado no meio do caminho, ser empurrado de um canto para o outro e, finalmente, ignorado. Mas eu não tive paciência para esperar tanto tempo, por isso, fui até a praça do mercado e peguei um ônibus com o nome promissor de Inland Trailways, atravessei o país, buscando em cada rosto um traço de Paulina e encontrando apenas estranhos. Na minha volta para casa, todos no aeroporto usavam máscaras, máscaras que idolatram deuses.

No fim do verão do hemisfério Norte, nós nos reencontramos no sul, felizes e juntos. Fomos feitos um para o outro, mas só na Antártida. Paulina é uma bênção que eu não poderia mais ter.

Um passageiro que está viajando conosco pela enésima vez pergunta ao comandante no primeiro jantar como foi o balanço do gelo na última temporada. Nunca vi tanto gelo movediço quanto no início da estação, responde o comandante, nunca vi tanto verde como no final da estação.